

# ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,  
NOÇÃO DO ESPAÇO,  
IMAGINAÇÃO E  
MEMÓRIA VISUAL

---

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA  
(ORGANIZADOR)



# ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,  
NOÇÃO DO ESPAÇO,  
IMAGINAÇÃO E  
MEMÓRIA VISUAL

---

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA  
(ORGANIZADOR)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço,  
imaginação e memória visual

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Gabriel Motomu Teshima  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Pedro Henrique Máximo Pereira

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

A772 Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-690-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.901212311>

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. Projetos. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Quais as possibilidades e limites da relação homem-meio? Para indicarmos as respostas a essa inquietante questão é possível seguir por dois caminhos. De um lado, temos a potência da **produção** do espaço, da interferência direta no meio, da modificação do concreto, da construção material da história. De outro, temos a **percepção** do produzido e dos processos de modificação, da ativação do sensível e da apropriação do meio, da construção de sentidos e significados da vida espacializada.

Ambas, produção e percepção, são atravessadas pela imaginabilidade, pela construção de memórias coletivas e individuais dos espaços de vida que têm como cenário, palco e produto a arquitetura e a cidade. Ambas carregam o ensejo da expectativa, da esperança, da contradição, da luta cotidiana, do trabalho humano, do pertencimento, do medo e até mesmo da negação. Assim, ambas, em sua latente ambiguidade, são potências da vida humana. Guardam as possibilidades daquelas experiências recorrentes, cotidianas e programáveis às experiências inovadoras, inéditas e espontâneas.

Este livro da Atena Editora, intitulado “Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual” tensiona essas duas possibilidades.

Em seu conjunto de textos há uma diversidade que certamente interessará a leitoras e leitores. Ilustra, numa visão não estanque, mas imbricada e dinâmica, o tensionamento entre a produção e a percepção. Assim, a interação entre estes dois campos humanos proposta neste livro vai da ideação e revisão crítica de uma experiência de jurisdição e gestão patrimonial em Minas Gerais às respostas arquitetônicas como a expressiva experiência plástico-formal recente na obra de Santiago Calatrava.

Entre estes dois pontos há um percurso interessante a ser feito: técnicas retrospectivas e métodos de recuperação de artefatos históricos; apontamentos diversificados sobre a arquitetura religiosa e relação com a sociedade; notas, relatos e análises da forma urbana, da morfologia urbana e da história urbana em cidades brasileiras, portuguesas, peruanas, mexicanas e chilenas; e, por fim, reflexões sobre a cidade contemporânea, sobre o patrimônio modernista e sobre a legislação urbanística e zoneamento.

Nestes casos aqui expostos produção e percepção se chocam, se unificam, se diferenciam, se contrapõem e se complementam. Esta diversidade é certamente a beleza de sua composição e início de um caminho para diálogos, problematizações e o levantamento de novas possibilidades da experiência única de, ao mesmo tempo, construir e habitar o mundo.

É ainda digno de nota que este percurso não é linear, mas ziguezagueia. Vai do micro ao macro e retorna ao micro. Expõe tensões, concordâncias e fraturas.

Assim, estimo, a leitoras e leitores, uma excelente experiência!

Pedro Henrique Máximo Pereira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

ICMS DE PATRIMÔNIO CULTURAL CONCEITOS, GESTÃO E EFICÁCIA DO MECANISMO  
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TRABALHO: OS OFÍCIOS TRADICIONAIS

Simone de Almeida Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123111>

### **CAPÍTULO 2..... 11**

O PÓ CERÂMICO COMO ADITIVO ALTERNATIVO NO RESTAURO DE ARGAMASSAS  
HISTÓRICAS: O CASO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO DE SÃO  
CRISTÓVÃO SE/BR

Eder D. Silva

Guilherme B. Almeida

Breno A. Franco

Arthur S. Santos

Carla A. Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123112>

### **CAPÍTULO 3..... 26**

LA ARQUITECTURA RELIGIOSA DE TEPIC, NAYARIT. CASO DE ESTUDIO: EL  
SANTUARIO DE GUDALUPE

María Elizabeth Loera Beltrán

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123113>

### **CAPÍTULO 4..... 36**

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TRABALHO: OS OFÍCIOS TRADICIONAIS IDENTIFICAÇÃO  
E MAPEAMENTO DAS CORES DO FORRO DA SACRISTIA DO CARMO PEQUENO DE  
SÃO CRISTÓVÃO SE/BR

Eder D. Silva

Adriana D. Nogueira

Karoline P. Paulo

Ellen D. A. Paiva

Paulo M. M. Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123114>

### **CAPÍTULO 5..... 53**

O ESTUDO DE ELEMENTOS DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO AO ALCANCE DA  
SOCIEDADE: A RELAÇÃO DAS OBRAS RELIGIOSAS ENTRE PORTUGAL E BRASIL, A  
INFLUÊNCIA PORTUGUESA

Eleusy Natália Miguel

Alex Fernandes Bohrer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123115>

### **CAPÍTULO 6..... 64**

RISCOS DE TIPIFICAÇÃO FUNCIONAL EM PATRIMÔNIO MONÁSTICO-CONVENTUAL

DEVOLUTO [ÉVORA, PORTUGAL]

Maria do Céu Simões Tereno

Maria Filomena Mourato Monteiro

António Vitorino Simões Tereno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123116>

**CAPÍTULO 7..... 84**

A CIDADE NA CIVILIZAÇÃO INCA – CONQUISTAS E PADRÕES

Caroline Silva de Albergaria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123117>

**CAPÍTULO 8..... 101**

DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL E LEGISLAÇÃO URBANA: ZEIS 3 COMO PERSPECTIVA PARA A ISONOMIA SOCIAL NA CIDADE DE SÃO PAULO

Sumaya Hamad Chaouk

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123118>

**CAPÍTULO 9..... 114**

FORMAS URBANAS EM DOIS LADOS DO ATLÂNTICO

Ricardo Batista Bitencourt

Ramon Fortunato Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9012123119>

**CAPÍTULO 10..... 132**

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA URBANA POTIGUAR: EPÍTOME SOBRE NATAL E PARNAMIRIM

Lenita Maria dos Santos Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231110>

**CAPÍTULO 11..... 141**

AVENIDA FREI SERAFIM (TERESINA-PI): LEITURAS POSSÍVEIS DO SEU DESENHO URBANO

Renata Beatriz Alves de Melo

Pamela Krishna Ribeiro Franco Freire

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231111>

**CAPÍTULO 12..... 151**

JARDINS DE CHUVA. ESTRATÉGIAS DE BENEFÍCIOS AMBIENTAIS, ECOLÓGICOS E PAISAGÍSTICOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Jane Cecilia Santucci

Samanta Machado de Amorim.

Larissa Santos de Paula

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231112>

**CAPÍTULO 13..... 157**

TALLER DE DISEÑO URBANO EN UNA POBLACIÓN VULNERABLE DE SANTIAGO

DE CHILE

María Isabel Matas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231113>

**CAPÍTULO 14..... 167**

PARQUE GUINLE E LOUVEIRA: DUAS VARIAÇÕES DO BLOCO SOBRE PILOTIS

Nathalia Cantergiani Fagundes de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231114>

**CAPÍTULO 15..... 181**

ESPACIALIDADE E ESTRUTURA, A CONFORMIDADE DE AMBOS NOS PROJETOS DE SANTIAGO CALATRAVA

João Gabriel Voss Quattrucci

Valéria Cassia dos Santos Fialho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.90121231115>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 190**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 191**

# CAPÍTULO 14

## PARQUE GUINLE E LOUVEIRA: DUAS VARIAÇÕES DO BLOCO SOBRE PILOTIS

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 19/10/2021

**Nathalia Cantergiani Fagundes de Oliveira**

Porto Alegre – Rio Grande do Sul

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/>

[busca.do.jsessionid=6A6E40B130B](http://busca.do.jsessionid=6A6E40B130B8CE95926C6A078648EAF6.buscatextual_65)

[8CE95926C6A078648EAF6.buscatextual\\_65](http://busca.do.jsessionid=6A6E40B130B8CE95926C6A078648EAF6.buscatextual_65)

**RESUMO:** O trabalho pretende investigar duas obras icônicas da arquitetura moderna brasileira, nas quais o uso do pilotis estabeleceu novos parâmetros de permeabilidade no nível térreo da edificação. O conceito de pilotis, preconizado por Le Corbusier, e a sua aplicação nas cidades brasileiras deram origem a projetos que se integram aos contextos locais de formas distintas, sem que se perca a identidade deste elemento versátil e de alto potencial de adaptabilidade. A estrutura independente, a estratégia de liberação do térreo e a inversão do peso na composição trazido pelo uso do pilotis são alguns pontos que marcam uma transformação tipológica na arquitetura brasileira depois do movimento moderno. As duas obras, a serem analisadas de modo comparativo neste trabalho, compartilham estratégias projetuais comuns, as quais têm a sua origem fincada na cidade ideal moderna e nos cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier. Contudo, suas características de implantação e organização espacial apresentam variações de um modelo tipológico que se constituem numa lição elementar para a cidade

e arquitetura contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pilotis, parque guinle, edifício louveira.

### PARQUE GUINLE E LOUVEIRA: TWO VARIATIONS OF BLOCKS OVER PILOTIS

**ABSTRACT:** This paper intends to explore two iconic buildings of Brazilian Modern Architecture, in which the presence of pilotis had established new permeability parameters at the ground floor level. The pilotis concept, preconized by Le Corbusier, and its application in Brazilian cities have given rise to projects that integrate themselves with local contexts in different ways, without losing the identity of this versatile element with a high potential for adaptability. The independent structure, the strategy of opening the ground floor and architectural composition's inversion brought about by the use of pilotis are some points that could mark a typological transformation in the Brazilian architecture after the modern movement. The two works, to be analyzed in a comparative way, share common design strategies, which have their origin in the modern ideal city and in the Le Corbusier's five points. However, its characteristics of implantation and spatial organization present variations of a typological model that constitute itself in an elementary lesson for the city and contemporary architecture.

**KEYWORDS:** Pilotis, parque guinle, edifício louveira.

### 1 | INTRODUÇÃO

O conceito de pilotis, definido por

Le Corbusier nos cinco pontos da nova arquitetura, estabeleceu novos parâmetros de permeabilidade no nível térreo da edificação. O argumento por trás da proposta de elevar o volume construído do solo envolvia questões técnicas, econômicas e estéticas, justificativas endossadas por uma geração de arquitetos no princípio do século XX e nas décadas posteriores. A estrutura independente, a estratégia de liberação do térreo e a inversão do peso na composição trazida pelo uso dos pilotis são alguns pontos que marcam uma transformação tipológica que se fará presente na arquitetura brasileira depois do movimento moderno.

Desde o projeto para Cidade Contemporânea (1922) até a Carta de Atenas (1933), um novo modelo de cidade ideal é proposto por Le Corbusier, onde os limites do quarteirão como bloco edificado privado são rompidos. Essa substituição e inversão dos elementos urbanos da cidade tradicional<sup>1</sup> propunha uma otimização do espaço pela presença de edifícios em maior altura, com densidades elevadas e taxas de ocupação do solo reduzidas. Esta cidade se desenvolveria sobre um parque, com amplas áreas verdes entre e sob as edificações, sendo o edifício sobre pilotis o tipo arquitetônico capaz de viabilizar o franco uso público do solo neste modelo urbano. Para Le Corbusier, era necessário desmanchar a cidade tradicional, acabar com suas ruas pequenas e seus edifícios de habitabilidade questionável. Era necessário criar um novo modelo compatível com o automóvel e com novos modos de vida que se transformavam após a Primeira Guerra Mundial. Uma cidade onde a paisagem natural e a urbana pudessem conviver integradas.

Este audacioso esquema de organização funcional foi raramente concretizado em escala urbana e espelhava um discurso crítico radical em relação às patologias das cidades antigas e densas europeias. O modelo da cidade ideal moderna, sintetizado na Carta de Atenas (1933), acabou por se demonstrar mais viável no planejamento de novos assentamentos, e apesar de poucos exemplos terem materializado por completo essa proposta, suas diretrizes reverberaram na produção arquitetônica de todo século XX (CHOAY, 2003).

Durante a década de 1930, Lucio Costa absorve as ideias lançadas por Le Corbusier, em defesa do pilotis e da estrutura independente como elementos da arquitetura moderna brasileira. O múltiplo sentido do uso do pilotis e as analogias deste conceito foram levantados por Lucio com frequência nos seus textos e memórias de projeto, assim como a referência à Le Corbusier como autor destes princípios.

(...) a adoção do sistema construtivo há cerca de vinte anos preconizado por Le Corbusier e P. Jeanneret, e já hoje por assim dizer incorporado como um dos princípios fundamentais da Arquitetura moderna – os pilotis: “não se estará mais à frente ou atrás da casa, mas sob a casa. Com efeito, no caso em apreço o emprego do “piloti” se recomenda, ou melhor se impõe, por vários motivos:

---

<sup>1</sup> Entende-se por cidade tradicional o modelo ou esquema denominado por Comas (1993) como cidade figurativa, que perdeu durante séculos de história da forma urbana, desde a antiguidade até o século XX. Neste modelo, os quarteirões são edificados nos alinhamentos e formam uma massa construída contínua, constituindo o espaço privado da cidade.

- a) dispensa para implantação da obra movimentos de terra – seja qual for a atividade local;
- b) reduz de 90% a abertura das cavas e respectivas fundações;
- c) permite o emprego, acima da laje – livre portanto de qualquer umidade – de sistemas construtivos leves, econômicos e independentes da subestrutura (...) (COSTA, 2018, p.92).<sup>2</sup>

Tais considerações são reforçadas pelo arquiteto, ao fazer referência às tradições construtivas da arquitetura brasileira e suas conexões com a antiguidade, ressaltando a viabilidade de materialização destes atributos espaciais graças ao emprego do concreto armado. (RIBEIRO, 2007)

No Brasil, após a década de 1930, muitos projetos se utilizaram do pilotis, tanto como elemento formal, quanto como um princípio ordenador da implantação e relações de fluxos no nível térreo da edificação.

Dois conjuntos de edifícios da arquitetura moderna brasileira, de uso residencial, foram escolhidos para ilustrar o papel do pilotis na construção de uma nova relação edifício-cidade, como elemento que promove a permeabilidade no nível térreo e a adaptabilidade do volume regular de apartamentos sobre diferentes sítios urbanos. Os dois casos tiveram como ponto de partida a volumetria do bloco sobre pilotis e a influência dos cinco pontos da nova arquitetura no desenvolvimento do projeto, desde a sua implantação, até a ordenação dos elementos compositivos. A análise buscará denominadores comuns e diferenças entre as obras, que se estruturam sobre uma mesma estratégia formal e de organização funcional, com ênfase comparativa entre os pilotis e sua articulação ao nível do solo em cada um dos conjuntos.

Um dos projetos é o Parque Guinle, situado no Rio de Janeiro. O conjunto projetado por Lucio Costa em 1948, teve as obras concluídas em 1954. O Residencial Parque Guinle é considerado um dos principais trabalhos do arquiteto, tendo sido premiado como melhor projeto na categoria edifícios em na I Bienal de Arquitetura em São Paulo em 1951, ano em que Sigfried Giedion presidiu a comissão julgadora da mostra competitiva. Lucio havia desenvolvido um plano de urbanização com seis edifícios residenciais para a propriedade, dos quais apenas três foram construídos. O conjunto todo se encontra tombado à nível estadual e municipal, desde a década de 1980, o que não o protegeu de descaracterizações típicas ao uso residencial, como o gradeamento indevido dos pilotis e jardins, ou inserções de ar condicionados nas fachadas.

O outro projeto trata-se do conjunto Louveira, localizado na cidade de São Paulo, projetado por João Batista Vilanova Artigas, com a colaboração do arquiteto Carlos Cascaldi, em 1946. Situado num lote do bairro de Higienópolis, o condomínio foi construído no momento de expansão urbana e consolidação desta área na capital paulista. O projeto do Edifício Louveira teve a conclusão das obras em 1951 e se insere numa segunda fase da

<sup>2</sup> Trecho da memória do anteprojeto da Vila Monlevade, de Lucio Costa, 1934.

obra de Vilanova Artigas, em que o arquiteto passa a projetar sob influência dos princípios corbusianos e do repertório formal que vinha sendo praticado pela escola carioca (ZEIN, 1984; BRUAND 2010; VIEIRA Fº, 1984).

Tombado desde a década de 1990, em fevereiro de 2019, teve seu entorno ameaçado de maior descaracterização por uma resolução<sup>3</sup> do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo (CONPRESP), que foi alterada a fim de permitir a construção de um edifício de nove andares no entorno da Praça Vilaboim, também protegida por tombamento.

## 2 | PILOTIS, SÍTIOS DE IMPLANTAÇÃO E RELAÇÕES COM O TERRENO

Os terrenos nos quais os dois conjuntos residenciais se localizam divergem em forma e situação, sendo a irregularidade na topografia um condicionante comum, o qual foi determinante para disposição dos edifícios em cada um dos condomínios.

Apesar das estratégias de implantação do Parque Guinle e Condomínio Louveira se basearem em premissas claramente modernas e um ponto de partida similar– o edifício isolado em barra ou lâmina sobre um pilotis parcialmente permeável no nível térreo– as soluções geradas são distintas em cada um dos casos.

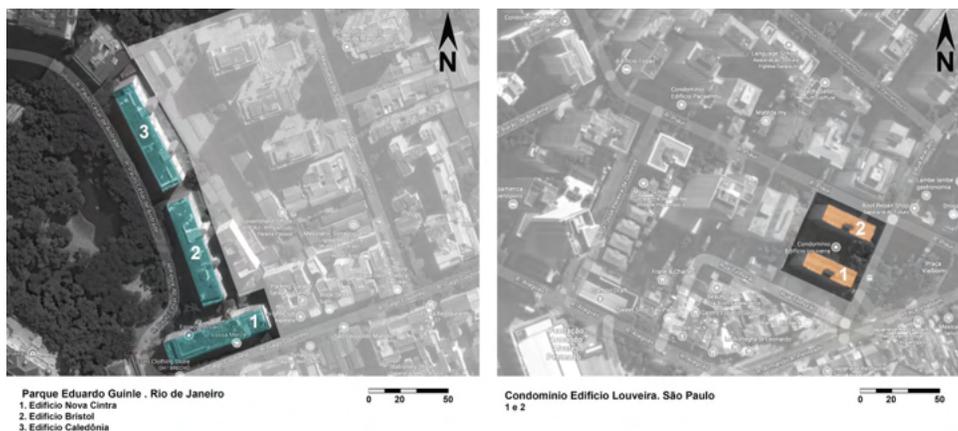


Figura 1: Fotos aéreas com a situação dos edifícios no Parque Guinle, no Rio de Janeiro (à esquerda), e do Edifício Louveira (à direita), em São Paulo.

Fonte: Google Maps, edição do autor.

No Louveira, em São Paulo, o conjunto ocupa uma generosa esquina num quarteirão inserido na trama tradicional da cidade, em frente a uma praça, chamada Vilaboim. Esta região da cidade de se constitui num bairro que teve origem num loteamento voltado para elite paulistana, com traçado regular das vias e lotes amplos.

<sup>3</sup> Resolução N° 15/2007.

Os edifícios do Parque Guinle se situam num terreno mais amplo e que se aproxima conceitualmente da ideia de cidade sobre o parque, sob o ponto de vista do lote em si. Situado em Laranjeiras, tradicional bairro entre o Centro e a zona sul da capital carioca, a área era uma grande propriedade que pertencia à família Guinle, a qual pretendia iniciar no local um empreendimento residencial de alto padrão.

A escala da intervenção se constitui na primeira diferença entre as obras aqui apresentadas. Enquanto o Louveira é parte integrante de um quarteirão, o Guinle, como o próprio nome indica, trata-se de um condomínio no parque.

Independente das dimensões e relações dos terrenos com seus entornos, os dois projetos dispuseram as habitações em volumes de barras retangulares de seis ou sete pavimentos sobre pilotis. Em ambas as situações, o pilotis no nível da base se encarrega de acomodar a edificação sobre uma topografia irregular, o que configura um pavimento de altura variável sobre uma estrutura do tipo dom-ino, que sustenta uma volumetria verticalmente tripartida, onde a base é semivazada ou semimaciça, reconstituída como vestíbulo hipóstilo, propileu, passeio ou galeria coberta e mesmo pórtico carroçável (COMAS, 2006).

A lógica que ordena a disposição destes blocos residenciais em cada sítio se difere no caso carioca do paulista. No Parque Guinle, Lucio Costa optou pelo uso de dois eixos para posicionar os edifícios. O Nova Cintra foi situado no nível mais baixo do terreno, próximo à rua que contorna o complexo, e paralelo à esta. A busca de uma relação direta com os alinhamentos pré-existentes e com o caráter urbano do entorno se reforça pela inclusão de lojas no térreo deste bloco.

Os edifícios Bristol e Caledônia estão alinhados à rua Paulo César de Andrade, uma alameda interna que segue em curva no aclave do parque, com os blocos dispostos perpendicularmente ao Nova Cintra, com afastamentos que acompanham a sinuosidade da própria alameda. Nestes, a base abriga os acessos e áreas de apoio aos conjuntos residenciais.

No Louveira, o condomínio conta com dois blocos quase idênticos, que se diferenciam na sua base devido ao programa que abrigam nos pavimentos inferiores. Os blocos foram posicionados paralelos um ao outro, com vinte metros entre eles, no sentido longitudinal da barra. A posição dos edifícios segue os alinhamentos do quarteirão, mas se distancia da solução do edifício único e isolado no centro do lote, uma tipologia que se multiplicava no bairro Higienópolis durante a década de 1940, quando o conjunto foi projetado por Artigas.

Enquanto Lúcio projetou o conjunto residencial Guinle sobre o parque, Artigas aproximou a imagem do parque ao condomínio, uma premissa de projeto que deslocou os blocos do Louveira para seus recuos extremos nas divisas e alinhamentos do lote, a fim de configurar uma praça interna que é o coração do complexo, a qual estabelece uma continuidade visual com a Praça Vilaboim.

Em relação ao desenho e configuração do pilotis em cada um dos casos, o denominador comum é tipológico, admitindo variações determinadas pelos condicionantes de cada sítio e

pelos programas. Cada um dos blocos, tanto no caso do Louveira quanto Guinle, se utiliza do espaço vazio não edificado e de sua modulação, determinada pela estrutura, para ordenar os acessos, estacionamento, ou pequenos blocos construídos abaixo dos volumes retangulares que abrigam as habitações.

O conjunto de pilares nos edifícios do Louveira e do Parque Guinle se assemelham em forma, pela colonata aparente de elementos cilíndricos revestidos, ou em pedra, ou pastilhas, estabelecendo um contraste entre a base vazada permeada de apoios e os volumes que estes sustentam.

Nos dois projetos em análise, Lucio Costa e Artigas se utilizaram deste pavimento de colonata aberta como elemento flexível, que varia de altura numa mesma estrutura formal do projeto, que distingue com clareza a base do corpo da edificação.

O pilotis mantém sua identidade tanto na coluna monumental de duplo pé-direito, quanto em frente às lojas, ou nos níveis intermediários que geram subsolos semienterrados. O espaço vazio evidencia o ritmo da estrutura independente de modulação regular, que ganha destaque com a vegetação como pano de fundo, seja qual for a sua altura.

Os recuos ajardinados, que antecedem os acessos abrigados sob os pilotis, convidam ao ingresso nos conjuntos. A leveza do vazio é que conduz ao volume de acesso, criando um espaço intermediário que articula interior e exterior. Este pavimento aberto, ou semiaberto, oferece uma situação favorável de conforto ambiental para o clima tropical, permitindo um acesso protegido arejado e sombreado, tanto defendido por Le Corbusier quanto por Lucio Costa.

No Parque Guinle, a altura dos pilotis se altera em cada bloco de acordo com o programa que o edifício abriga na sua base, uma situação que se repetirá no conjunto Louveira.

No Edifício Nova Cintra, que possui lojas no nível térreo (Figura 2), a colonata possui um pé-direito maior do que o pavimento tipo dos apartamentos, com sua primeira linha de pilares deixada à mostra, por fora do plano de vedação. Apesar da estrutura aparente, neste caso, o nível térreo não oferece permeabilidade visual ou livre passagem entre frente e fundos da edificação. A colonata contorna todas as fachadas, com exceção à empena cega que faz divisa com o vizinho, onde se localiza o acesso à garagem deste bloco. Diferente das situações de colonatas que formam galerias comerciais cobertas junto ao passeio público, neste caso, não há dimensão suficiente para circular por entre coluna e fachada. Apesar desta configuração menos porosa, a imagem do pilotis se faz presente pela regularidade ritmada da estrutura independente visível.

Os edifícios Bristol e Caledônia, posicionados ao longo da via interna no Parque Guinle, têm o nível de base mais aberto e um pilotis bem configurado sobre pavimentos semienterrados, que se acomodam de forma a aproveitar a declividade do terreno (Figura 2).



Figura 2: Fotos dos pilotis dos edifícios.

Fonte: Ed. Nova Cintra, Bristol e Caledônia - Google Street View, 2018/ Ed. Louveira - Google Street View, 2017.

No projeto de Artigas, a base permeável se assemelha ao Bristol e Caledônia, em relação às alturas variáveis das colunas, e devido ao programa multifuncional que cada um dos edifícios abriga na sua base de topografia igualmente irregular.

No Louveira, o contraste, entre o pé-direito do pavimento tipo e altura do pilotis é mais visível no bloco paralelo à rua Piauí, onde uma plataforma elevada e voltada para esquina reforça a hierarquia de acesso ao conjunto por este bloco. Uma escada, inserida na extremidade desta plataforma, marca o ingresso pela esquina. A dupla altura do pilotis neste bloco contribui para ampliar permeabilidade visual através do nível térreo, deixando a presença da praça interna mais explícita para quem passa pela rua.

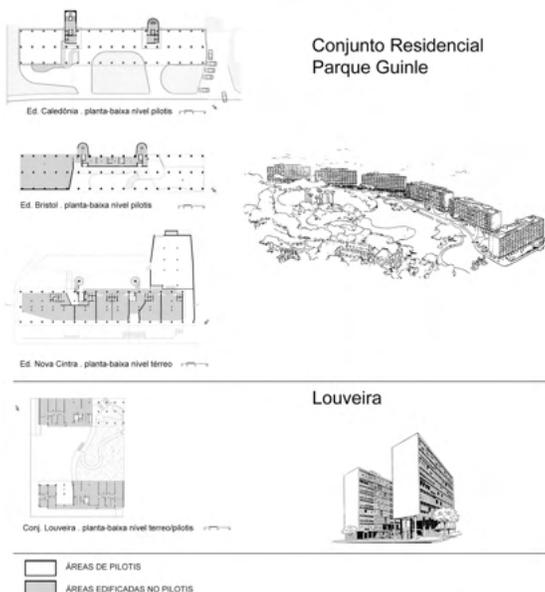


Figura 3: quadro comparativo dos projetos nos níveis de pilotis, acima nos edifícios do Parque Guinle, abaixo no Edifício Louveira, acompanhado de croquis perspectivos dos conjuntos.

Fonte: <<http://dspace.uniritter.edu.br>>; <<http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/vilanova-artigas/artetecnica/>>;

COSTA, 2018, p.206,207; <<https://quandoacidade.wordpress.com/2013/02/25/o-misterio-do-louveira/>>

Os edifícios Bristol e Caledônia também apresentam plataformas intermediárias nos seus pilotis. Mais do que uma variabilidade das alturas das colunatas, esses platôs configuram ambientes com distintas relações funcionais e de acessibilidade em cada edifício. O passeio arquitetônico propiciado ao longo da rua Paulo Cesar de Andrade, que adentra no Parque Guinle, mostra com clareza duas situações de permeabilidade visual nos pilotis do Bristol e Caledônia, sendo este último, o mais aberto e com menos obstáculos visuais construídos sob o pilotis, uma diferença visível nas plantas-baixas (Figura 3).

Lucio desenhou acessos rampeados curvos no Caledônia, voltado para o parque Guinle, que ligam o passeio público e os halls de acesso, inclusive, possibilitando o ingresso de veículos no nível mais alto do pilotis.

Diferentemente do projeto carioca, os dois blocos, posicionados frente a frente no Louveira, dialogam entre si e com a rua por uma passarela bifurcada. Este elemento arquitetônico sinuoso configura um passeio (Figura 2) que sobrevoa a praça interna do condomínio e reforça a ligação do conjunto com a massa verde da Vilaboim.

O uso de linhas sinuosas nestas ligações entre os blocos amplia o percurso oferecido, possibilitando a visualização dos edifícios desde o pátio interno por diferentes pontos de vista. Ao negar a opção pela menor distância com o desenho da curva, Artigas assume a função contemplativa deste passeio sobre as árvores e entre os blocos. No encontro entre as duas passarelas, uma escada desce ao nível inferior, onde se situa o estacionamento do conjunto. Esse arranjo de circulação, proposto por Artigas, setoriza com maior clareza os acessos de pedestres e veículos no Louveira.

### **3 | OS BLOCOS DE APARTAMENTOS: PAVIMENTOS TIPO E COMPOSIÇÃO DAS FACHADAS**

Os blocos regulares apresentam princípios compositivos semelhantes, além da síntese volumétrica já citada, da barra que abriga os apartamentos posicionada sobre uma base parcialmente permeável sob pilotis. A primeira diferença entre os volumes dos projetos diz respeito às proporções das suas geometrias.

No Parque Guinle, o projeto original de Lucio previa edifícios de seis pavimentos sobre pilotis, com mais um nível de terraço sobre estes volumes. O Nova Cintra acabou por ser construído em uma barra de sete andares de apartamentos, enquanto Bristol e Caledônia mantiveram-se próximos da volumetria inicial proposta.

No Louveira, Artigas se utilizou da diferença de nível do próprio lote para padronizar o gabarito de altura dos dois blocos em relação à rua, variando a dimensão dos pilotis em cada um dos pavimentos de base. O da esquina possui sete pavimentos tipos sobre um pilotis de altura variável, enquanto no interior do lote, o outro bloco abriga oito andares de apartamentos contidos no volume da barra. O resultado destas definições resulta em um escalonamento no conjunto carioca, em oposição à uma busca de regularidade no projeto paulista.

Com base nas dimensões encontradas nos projetos pode-se afirmar que nas barras cariocas predomina a horizontalidade, sendo o seu comprimento três a quatro vezes maior do que sua altura. No Louveira essa proporção é mais harmônica, com menor contraste entre altura e largura do volume prismático. A fachada da barra voltada para rua Piauí é quase um retângulo áureo, tendo sua base 1,6 vezes maior do que a dimensão da sua altura, o que confere um equilíbrio entre as linhas verticais e horizontais. Esse equilíbrio não se dá apenas pela dimensão da lâmina em si, mas se reforça na percepção do conjunto, devido a visualização de cada volume completo, duplicado lado a lado e com as empenas cegas de menor dimensão voltadas para a Praça Vilaboim. A própria inserção do Louveira, integrado ao tecido urbano do bairro, estabelece uma relação mais franca entre cidade e os edifícios do que no projeto do conjunto Guinle, onde apenas o Nova Cintra possui uma interface direta com a rua do lado de fora do parque.

À medida em que se aproxima de cada conjunto, outras diferenças e similaridades se tornam evidentes, tanto na configuração espacial interna dos edifícios, quanto nos elementos arquitetônicos que materializam cada uma das barras.

Nos dois projetos, a barra possui empenas nas fachadas de menor dimensão, sendo completamente cegas no Edifício Louveira, e com uma linha de pequenas perfurações no Parque Guinle.

Nas outras fachadas maiores, tanto Lucio quanto Artigas projetaram planos quadriculados modulados, que se baseiam na estrutura da edificação, na disposição do espaço interno e na orientação solar para definição de elementos de vedação. Independente das variações desta grelha, os espaços internos são iluminados e ventilados majoritariamente para as fachadas de maior dimensão nos dois conjuntos.

A localização da circulação vertical é análoga em posicionamento nos dois casos, junto à uma das fachadas longas, criando uma circulação em fita simples nos pavimentos tipo.

No Parque Guinle, há dois núcleos de escadas em cada bloco, que se destacam formalmente como adições às barras retangulares. A maioria das escadas são helicoidais e a pele que encobre e protege as circulações verticais acompanha sua forma curvilínea. Lucio Costa trata estas adições volumétricas ao prisma puro com diferentes acabamentos, sendo envidraçadas no Nova Cintra, e opacas no Bristol e Caledônia.

Além das escadas de formas curvas, há outros elementos plugados aos blocos retangulares nos edifícios do Parque Guinle. Pequenas marquises de acesso e as coberturas dos terraços rompem com a pureza das barras, mas sem que se perca a leitura do partido.

No projeto do Louveira, o modelo do bloco sobre pilotis é mantido com maior clareza formal. Artigas centraliza o núcleo de circulação vertical nas fachadas ao sul e agrupa o acesso de serviço dos pavimentos-tipo numa faixa. Estas circulações abertas se constituem numa adição, mas que pela sua dimensão de estreita profundidade, integram-se ao volume principal. O nível destes acessos de serviço está posicionado 80cm abaixo dos apartamentos,

uma diferença que transparecerá na fachada, quebrando as linhas contínuas horizontais da grelha estrutural neste plano da composição.

Em ambos os conjuntos, a orientação solar foi um dos condicionantes na disposição dos ambientes nos pavimentos-tipos, que refletem a configuração do espaço interior nas fachadas dos blocos. Há uma clara setorização em linha das áreas de serviço e circulação, no sentido longitudinal da planta-baixa. Os espaços mais nobres também estão dispostos em uma das fachadas longas, os quais, nos dois projetos em análise, se abrem para o lado oposto da zona de serviços. Outra semelhança é a gradação de privacidade dos ambientes nos apartamentos. Tanto nos edifícios cariocas quanto nos paulistas, os acessos principais das residências se dão pelas áreas sociais, com as zonas íntimas dispostas mais distantes deste ingresso.

Lucio voltou as áreas sociais do Bristol e Nova Caledônia para o parque, enquanto Artigas priorizou a orientação solar norte para estes espaços no Louveira. Apesar da praça do condomínio estar localizada entre os dois volumes residenciais, Artigas não explorou a visual para o interior da quadra ou para a paisagem como principal condicionante.

No Parque Guinle, os três blocos residenciais abrigam tipos distintos de apartamentos, uma variação que se repete em cada um dos edifícios. Todos possuem apartamentos simples e duplex com áreas generosas. A organização do pavimento tipo parte de uma divisão da barra em quatro módulos não idênticos, dois para cada lado de um eixo de espelhamento centralizado transversalmente na planta-baixa. Nos módulos centrais estão os apartamentos duplex, e nas extremidades, os simples, organizados em um único nível. A planta do pavimento tipo do Nova Cintra é ligeiramente menor do que seus vizinhos, tanto em comprimento, quanto no vão entre os apoios da estrutura (VASCONCELOS, 2004).

No conjunto Louveira, a mesma planta-baixa de pavimento tipo se repete nos dois blocos de apartamentos. Os apartamentos também são espelhados no eixo transversal da planta, com as áreas sociais no centro do bloco, junto aos acessos de cada unidade, e com as zonas íntimas localizadas nas extremidades.

O projeto de Artigas inclui nos blocos apenas duas habitações por andar, sendo todas de apenas um nível. No Louveira, a organização em corte do edifício apresenta menor complexidade que no projeto carioca, onde Lucio precisou alternar diferentes plantas, devido aos acessos dos apartamentos duplex, que não ocorrem em todos os pavimentos. No caso paulista, a complexidade na circulação vertical se dá por uma segmentação do núcleo centralizado da escada, através de um patamar intermediário, o qual distingue o nível dos acessos de serviço do social, identificável nas fachadas sudeste, já mencionada anteriormente.

Assim como Lucio, Artigas também projeta varandas para os apartamentos, que quando ocorrem, são como subtrações ao volume do bloco ou barra, mantendo uma semelhança formal nos elementos de vedação das fachadas, sem romper com a percepção do volume.

Quando ao desenho dos planos de fachada, os projetos partem de uma mesma estratégia compositiva, que tem a malha estrutural como base. Esta grelha que organiza as vedações, possibilita diferenciar cada um dos módulos de acordo com as necessidades funcionais de cada espaço.

No projeto de Lucio Costa, devido à orientação solar poente voltada para o parque, há uma combinação de quebra-sóis de madeira e elementos cerâmicos vazados no Bristol e Nova Caledônia. Esta foi a alternativa elegida para preservar as visuais a partir do interior nas áreas sociais, e ao mesmo tempo, proteger estes espaços da insolação intensa da tarde. Lucio opta por distanciar alguns ambientes das fachadas, se utilizando de varandas em alguns módulos. Os filtros de elementos cerâmicos foram utilizados também para ampliar a privacidade de dormitórios, ou proteger visualmente áreas menos nobres da edificação, como lavanderias e banheiros.

A correspondência entre a configuração de planta e composição de fachada ocorre parcialmente no Parque Guinle, pois mesmo com uma disposição espelhada dos ambientes nos pavimentos-tipo, há variação e assimetria nos planos de vedação, devido a variabilidade dos tipos de cobogós e brises soleil utilizados. Quando a orientação solar é favorável ao pano de vidro, Lucio o utiliza em toda a extensão da fachada, como na face voltada para sul do Edifício Nova Cintra, na rua Gago Coutinho. Este plano segue um desenho que atende às especificidades do programa habitacional, e ao contrário do edifício de escritórios, aqui, o vidro é pintado nos módulos correspondentes à altura de um peitoril, para garantir faixas de opacidade onde se recolhem os planos de guilhotina das janelas.

No projeto paulista, há um ritmo gerado pela diferenciação funcional entre módulos completamente envidraçados e outros que receberam elementos de proteção solar e escurecimento. Estes planos de veneziana externa funcionam no sistema de guilhotina e estão dispostos com regularidade nos ambientes dos dormitórios. Contudo, o movimento gerado pelo uso cotidiano destes elementos confere ao conjunto uma aleatoriedade que dinamiza a composição das fachadas. Salas, cozinhas e varandas possuem maior integração entre interior e exterior, por conta da ausência de filtros solares. Há simetria sobre um eixo central transversal ao volume, tanto em planta-baixa pela disposição dos apartamentos, quanto no tratamento de fachada nos blocos do Louveira.

Vilanova Artigas, assim como Lucio Costa, se utilizou da cor para destacar os elementos arquitetônicos de vedação e proteção solar. No Rio de Janeiro, Lucio difere cada um dos edifícios pela combinação de cores, destaque claramente visível nas fachadas voltadas para o parque. Nova Cintra, Bristol e Caledônia são identificados pelos tons pastéis que contrastam com o alaranjado terroso dos cobogós de duas granulações distintas nas suas fachadas.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos dois projetos analisados partirem de uma estrutura formal comum, o potencial de adaptabilidade da tipologia do bloco sobre pilotis se comprova pelas soluções adotadas em cada um dos projetos.

Um ponto é a força do volume prismático regular que abriga os pavimentos repetitivos. Seu contorno claramente delimitado, em contraste com a base leve e permeável, admite deformações das suas proporções. Seja em lâminas mais verticais ou horizontais, com fachadas subdivididas em grelhas ou faixas, prevalece o partido sustentado pelos cinco pontos da nova arquitetura.

Parte deste potencial de variação se dá pelo uso do pilotis, que permite uma adequação ao terreno e mantém a imagem da base leve e vazada, independente da sua dimensão, modulação ou ritmo das colunas que compõem a estrutura de cada um dos edifícios. Esta mudança na base do edifício altera mais do que a sua relação compositiva, ela modifica radicalmente a forma pela qual o volume da edificação estabelece seu contato com o solo. No caso dos edifícios aqui apresentados, o pilotis possibilita uma mudança na relação edifício cidade, desvelando o que ocorre em áreas privadas do lote através de um contato visual entre frente e fundos da edificação, ponto tanto defendido por Le Corbusier nas suas conferências pela América do Sul em 1929, relatadas em *Precisões*:

Térreo: sob o piso que domina o terreno, a uma altura de 3, 4 ou 5 metros, neste espaço que, por uma questão de maior rapidez, chamarei de "os pilotis", instalo uma porta de entrada da casa, uma escada (eventualmente um elevador), um vestibulo. Quanto à garagem do automóvel: providenciarei para que, diante da garagem, haja um espaço suficientemente grande que possibilitará deixar o veículo ao abrigo da chuva ou do sol, lavá-lo e revisá-lo agradavelmente, em plena luz do dia. A porta de entrada, abrigada sob os pilotis, abrirá para este grande espaço, seco, coberto, que se tornará o lugar ideal de brincadeira das crianças. A luz e o ar penetrarão na casa. Que conquista! O jardim da frente e o jardim do fundos tornaram-se um só. Quanto ganho de espaço, que sensação de bem-estar! A casa se apresentará como suspensa. Que pureza arquitetônica! (LE CORBUSIER, 2004, p.53)

Esse conjunto de ações projetuais que configura um pilotis foi amplamente absorvido pela arquitetura moderna brasileira, onde a ventilação é bem-vinda e a natureza que permeia a metrópole amacia a dureza das altas densidades. Mesmo que a livre passagem por entre os blocos seja parcial no edifício residencial inserido na trama urbana tradicional de São Paulo, o pilotis desenha um limite maleável entre a rua e o espaço privativo do condomínio. A mesma leveza pode ser reconhecida no caso carioca, onde o jogo entre cheios e vazios do nível térreo organiza e delimita zonas de livre acesso. O próprio desnível entre a calçada e o espaço aberto e coberto do pilotis gera um ambiente de gradação intermediária de privacidade. Estes patamares não são públicos, mas se constituem em generosos níveis térreos, onde o ver através não é negado aos que circundam no entorno desses territórios.

Decisões como a recente resolução<sup>4</sup> do CONPRESP, que poderia ampliar o potencial construtivo no entorno do Louveira, suscitam o debate em torno da preservação de uma ambiência urbana ímpar, resultado da genialidade de Artigas e dos princípios arquitetônicos por ele explorados no projeto do conjunto. No caso paulista, a manutenção dos elementos arquitetônicos originais se encontram melhor preservadas do que no caso carioca, que sofreu maior número intervenções aleatórias realizadas pelos moradores do Parque Guinle (COELHO, 2007).

O projeto do pilotis ideal, assim como o projeto da cidade ideal moderna, está atrelado a um modelo utópico cada dia mais distante da realidade das cidades brasileiras, onde a construção de barreiras urbanas reforça a desigualdade e promove ilhas de isolamento nos bairros residenciais. Os aspectos de implantação destas obras aqui levantados evidenciam a contribuição desta tipologia na configuração das cidades brasileiras.

Os poucos exemplos de edifícios sobre pilotis que permanecem abertos, mesmo perante condições hostis de segurança pública, são de certo modo, células de resistência. Esta relação de permeabilidade se constitui num legado da arquitetura moderna brasileira de alto potencial de revivalismo, comprovando o quanto o espaço privado pode ser mais generoso com a cidade.

Neste sentido, o pilotis se constitui num patrimônio de alto valor para as cidades contemporâneas, tanto pelo aprendizado que se pode tirar dos seus atributos estéticos, técnicos e compositivos, quanto das inúmeras interfaces positivas estabelecidas por um nível térreo mais permeável na edificação.

## REFERÊNCIAS

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo:Perspectiva, 2010.

CAVALCANTI, L. **Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. Perspectiva: São Paulo, 2003.

COELHO, Carla Maria Teixeira. **Preservação de edifícios residenciais modernos no Rio de Janeiro**. In: Seminário do DOCOMOMO Brasil, 7., 2007. Porto Alegre. **Anais...**: UFRGS. 2007. Disponível em <<http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/011.pdf>> Acesso em 10 mai. 2019.

COMAS, C. E. D. **Lucio Costa e a revolução na arquitetura brasileira 30/39. e lenda(s) e Le Corbusier**. *Arquitextos*, n. 022.01, São Paulo, Portal Vitruvius, 2002. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/798>>. Acesso em 12 fev. 2019.

COMAS, C. E. D. **Questões de base e situação: arquitetura moderna e edifícios de escritórios, Rio de Janeiro, 1936-45**. *Arquitextos*, nº 078. São Paulo, Portal Vitruvius, nov. 2006. Disponível em <[www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq078/arq078\\_00.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq078/arq078_00.asp)> Acesso em 28 mai. 2019.

4 Resolução nº15/2007, de fevereiro de 2019, do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

COSTA, L. **Lúcio Costa: registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1997.

KAMITA, João Massao. **Vilanova Artigas**. São Paulo: Cosac&Naify, 2000.

LE CORBUSIER. **Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

MEDRANO, L; RECAMÁN, L. **Vilanova Artigas e o Condomínio Louveira. Verticalização e ordem urbana**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 191.00, Vitruvius, abr. 2016. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.191/6003>>

MIGLIANI, A. “**Clássicos da Arquitetura: Edifício Louveira / João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi**” 06 Ago 2014. ArchDaily Brasil. Acessado 30 Set 2017. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/625199/classicos-da-arquitetura-edificio-louveira-joao-batista-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi>>

RIBEIRO, L. O. **Carradas de Razões: Lucio Costa e arquitetura moderna brasileira 1924-1951**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.

VASCONCELOS, J. **Concreto armado Arquitetura Moderna Escola Carioca: levantamentos e notas**. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 2, 61, 63, 106, 118, 174

Arquitetura 11, 12, 13, 15, 16, 25, 26, 36, 42, 53, 55, 56, 57, 63, 64, 84, 85, 86, 87, 99, 100, 101, 113, 121, 122, 125, 130, 131, 148, 149, 151, 152, 167, 168, 169, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190

Arquitetura religiosa 13, 26, 42, 53, 55, 56

### C

Catas altas 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62

Centro histórico 38, 78, 121, 123, 124, 127, 128, 130

Chan Chan 84, 86, 87, 93, 94, 95, 98, 99, 100

Cidade contemporânea 9, 122, 127, 130, 151, 168

Cidades 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 26, 53, 57, 59, 64, 71, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 103, 107, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 125, 129, 131, 132, 133, 137, 146, 147, 149, 151, 152, 155, 167, 168, 179, 190

Cidades brasileiras 113, 129, 131, 167, 179

Civilização inca 84, 85

Convento do Carmo Pequeno 36

Cusco 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 98, 99

### D

Desenho urbano 106, 130, 141, 142, 143, 146

Desigualdade socioespacial 101, 112

### E

Edifício louveira 167, 169, 170, 173, 175, 180

Évora 52, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82

### F

Formação urbana 132, 133, 134

### H

História da cidade 63, 114, 135, 141, 147, 148

História urbana 132

## I

Itabirito 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62

## J

Jardim de chuva 151, 153, 155

## L

Legislação urbanística 104, 105

## M

Machu Pichu 84, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 95, 98, 99

Morfologia urbana 84, 114, 117, 130, 131, 141, 142, 143, 150

## N

Natal 111, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Nossa Senhora do Amparo de São Cristóvão 11, 12

## P

Pachacamac 84, 86, 88, 95, 96, 97, 98, 99, 100

Paisagem 37, 117, 123, 124, 131, 141, 143, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 168, 176, 190

Paisagem urbana 37, 124, 141, 149, 152, 155, 156

Paraty 114, 117, 122, 123, 124, 127, 129, 130

Parnamirim 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Parque Guinle 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 24, 36, 39, 51, 53, 54, 55, 58, 60, 61, 62, 63, 90, 117, 123, 130, 141, 142, 143, 147, 148, 150, 170, 179

Patrimônio histórico 2, 8, 10, 15, 24, 39, 51, 60, 63, 123, 170, 179

Planejamento urbano e regional 131

## R

Restauração 11, 21, 25, 36, 40, 51

## S

Santiago Calatrava 181, 182, 183, 186, 188

São Cristóvão 11, 12, 14, 15, 16, 23, 36, 37, 38, 43, 51, 52

São Paulo 10, 25, 51, 52, 63, 99, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 130, 131, 149, 150, 151, 155, 156, 169, 170, 178, 179, 180, 189

Sustentabilidade 1, 111, 113, 151, 156

## **T**

Técnicas construtivas 11, 16, 62

Tepic 26, 27, 31, 34

Teresina 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150

Tombamento 5, 7, 8, 9, 170

## **U**

Urbanismo 11, 35, 36, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 113, 122, 129, 130, 131, 149, 157, 179, 180, 181, 190

## **V**

Vila real de santo antônio 114, 117, 125, 129

# ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,  
NOÇÃO DO ESPAÇO,  
IMAGINAÇÃO E  
MEMÓRIA VISUAL

---

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,  
NOÇÃO DO ESPAÇO,  
IMAGINAÇÃO E  
MEMÓRIA VISUAL

---

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 